

Produção e apropriação da linguagem política durante processos ditatoriais: um marco da memória educacional

Tatiane Malheiros Alves
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil;
Instituto Federal Baiano, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: tatiane.alves@ifbaiano.edu.br

1405

Palavras-chave: Nazismo. Fascismo. Socialismo. República. Novo-Nazifascismo

INTRODUÇÃO

A partir da década de 1930 e, particularmente, durante o Estado Novo, as políticas de escolarização aprofundam-se - mediante o uso da linguagem cívica, patriótica e religiosa - no controle da memória nacional, para a formação de homens e mulheres patriotas investindo num modelo de moral, civismo e civilidade. Partimos da perspectiva dialética e dialógica da linguagem para abordar como o uso da linguagem converte-se num marco pedagógico fundante da constituição de uma memória cívico-nacionalista no Brasil a partir dos anos de 1930. Nesse contexto, os signos linguísticos são apropriados como um quadro elementar de constituição de uma memória social que serviu de ancoradouro para as políticas educacionais no país, tornando-se particularmente referendadas durante a ditadura militar instaurada em 1964.

À vista disso, é importante sublinhar o relevante papel constituído pela linguagem moral e cívica na educação escolar durante o Estado Novo. Abordamos como essas bases morais e materiais tornaram-se mecanismos linguísticos de produção e apropriação de discursos ideológicos assimilados por professores, alunos e nos atos e materiais didáticos e, como efeito, produziram uma memória coletiva e positiva acerca do civismo e do nacionalismo.

O *locus* da pesquisa realizada foi a Escola Getúlio Vargas situada na sede do município de Guanambi-Ba e inaugurada em 1938, a qual tomamos como marco social de memória do modelo escolar do Estado Novo dadas as referências consolidadas pela

Realização:



Apoio:



população local e regional. Partimos, pois, da perspectiva dialética e dialógica da linguagem e perscrutamos como os signos linguísticos organizaram-se em diferentes gêneros textuais e se apropriaram dos símbolos, dos ritos e de suas significações para construir uma memória positiva das bases nacionalistas que foram gestadas para durar.

Nessa teia política, a linguagem é usada como marco social (HALBWACHS, 2004) de referência dessas memórias que se cruzam e se acomodam coerentemente umas às outras. Os signos linguísticos organizam-se e se sistematizam desde o nome da escola, da praça onde a instituição se localiza, até os documentos, que revelam uma eminente exaltação do patriotismo e da figura de Vargas como líder político. (BAKHTIN, 2006).

METODOLOGIA

Do ponto de vista metodológico, balizamo-nos na discussão das múltiplas temporalidades que atravessam a construção da memória social; a Escola Getúlio Vargas é reconstruída, em um vai-e-vem simbiótico, por aqueles que tiveram atuação nesse espaço escolar, mas também fora dele, na própria cidade e na comunidade, sentindo-se pertencentes como parte desse processo, e, embora não tenham vivido durante o Estado Novo, reportam-se às suas políticas como legítimas e alusivas a outros períodos, particularmente aos que ali estiveram.

Para a realização da pesquisa, buscamos relatos de ex-alunos que frequentaram a Escola Getúlio Vargas entre 1967 e 1971, anos que compuseram parte de sua formação do Ensino Ginásial - 7 a 14 anos, hoje, Ensino Fundamental, e relatos de ex-docentes, professoras que tiveram suas trajetórias registradas na instituição durante as décadas de 60, 70 e 80 do século passado, ou seja, de sujeitos que recebem a memória de uma escola cujas bases sócio-pedagógicas e políticas nascem durante os anos do Estado Novo; esses, embora não tenham vivido nessa época, vão transitar por modelos pedagógicos que constituem seu pilar e que acabam florescendo nos anos em que eles eram alunos ou professores da escola, período que compreende a ditadura militar.

Entrevistamos também ex-docentes e ex-discentes que protagonizaram e compuseram os anais da instituição, vivenciaram a escola entre os anos de 1950 e 1970, seja como professoras ou como alunos(as), além de participarem da instituição nos anos posteriores ao Estado Novo e durante os anos da ditadura militar. São docentes e membros

Realização:



Apoio:



do corpo discente que receberam diretamente essas incursões de doutrinação conservadora.

Também buscamos outros mapas e caminhos que nos levassem à escola e recorremos a documentos em suas diversas abrangências: após as audições dos docentes e dos ex-discentes, coletamos informações de suplementos pedagógicos, tais como livros e cartilhas, e outros documentos de caráter escrito, como atas e inventários. Cotejamos e observamos que tanto os registros orais quanto escritos apresentam afinidades que marcam a potencialidade ideológica do processo educativo baseada na linguagem, signos e valores fortemente instaurados no pensamento fundante da escola nos anos de 1930, que sinalizam a importância de interpretar os sentidos e significados produzidos pelos ecos dos discursos morais e cívicos.

1407

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A Escola Getúlio Vargas, inaugurada durante o Estado Novo (1937-1945), leva o nome de seu patrono, como uma das ações encarnadas de sua política nacional, que deixou marcas que ressoam até os dias atuais. É um monumento representativo do parque histórico da cidade, é considerado um patrimônio do município e, desde 2008, compõe um projeto de lei que sugere seu tombamento.

A forma como a Escola Getúlio Vargas é recuperada pela memória e materializada nos discursos, não só dos ex-alunos e ex-professores, expressa tanto a respeito do espaço como também da própria linguagem sobre esse lugar, o que se articula nos documentos, na arquitetura e nas narrativas. Há uma relação dialógica de contiguidade e encadeamento entre esses três elementos: linguagem, espaço e memória. A linguagem não está manifesta somente no que é dito ou no que foi escrito. A estrutura da escola, sua preservação e como suas significações são recuperadas pelos ex-alunos e pelos ex-professores comportam uma definição que ultrapassa os limites das palavras, mas que também gestam memórias afetivas.

A linguagem é, portanto, utilizada como um recurso para ressaltar, enaltecer e reificar os marcos sociais de referência da memória como bem social, como fora utilizado pela política educativa da memória social do período em foco. Todos esses marcos, em alguma medida, são materializados pela via da linguagem. O monumento arquitetônico

Realização:



Apoio:



da escola Getúlio Vargas e a praça onde a instituição fora construída sintetizam como o espaço é utilizado como linguagem do regime político em voga. Todos esses elementos convergem-se na escola, que refletia as políticas de um Estado nacionalista e que, ao longo do tempo, mantém sua expressão por meio de uma linguagem material e subjetiva a qual expressa símbolos e significados de exaltação ao patriotismo conservador do Estado Novo.

Infere-se, desse modo, que o prédio da Escola Getúlio Vargas, para os seus ex-alunos, ex-professores, até mesmo para a sociedade, representa uma fonte que estabiliza as memórias, servindo-lhes de âncora para suas lembranças, cujas associações com o espaço físico podem ser retomadas a qualquer tempo, pois se constituem como uma importante referência de memória.

Os registros feitos em documentos oficiais, tais como atas, atestam a inauguração da Escola e a referência de que havia a liderança política de Getúlio Vargas e do Estado Novo, regime que completava um ano de promulgação na data de estabelecimento da instituição na cidade. Além disso, os documentos referendam a inauguração de uma escola que estava alinhada a essa perspectiva e às proposições do regime de governo. Reiterando a importância do evento, a ata informa que as festividades culminaram com o hasteamento da bandeira às 6 horas da manhã em frente à Prefeitura Municipal, após passeatas acompanhadas de fogos de artifícios e exclamações de apoio ao governo. Esses registros tornam evidentes a suntuosidade e ostentação do evento de inauguração da escola, que se põe em sintonia com o entusiasmo e a festividade patriótica inerente às propostas getulistas

Desde a sua inauguração, articula-se o sistema social de signos utilizado como suporte nos textos e nos discursos sendo necessário atentar-se ao processo de direcionalidade dessas ações discursivas. Desse modo, os documentos escritos e orais coletados a partir da Escola Getúlio Vargas em Guanambi-BA noticiam que há um conjunto de elementos dispostos ordenadamente e em consonância para atender aos propósitos do regime. A religião também se manifesta nesses documentos e revela que, durante todo o processo, foi o esteio sobre o qual a disciplina e a ordem se repousavam para construir um país coeso baseado nas teorias nacionalistas e conservadoras.

Essa dialética dos princípios religiosos e, mais precipuamente, católicos transita e

Realização:



Apoio:



é recuperada sobretudo por compor parte do arsenal da memória daqueles que fizeram parte direta ou indiretamente desse processo. Pressupõe-se, pois, que ambos os processos ditatoriais brasileiros precisavam apoiar-se numa base conservadora representada pelas classes médias e pelas elites para combater a dialética do movimento de oposição que se obstinava contra os desmandos estatais.

1409

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há uma cadeia de movimentos dialéticos do tempo, nesses processos propriamente conservadores, a Igreja Católica é uma das instituições que se articulam entre o Estado e os seus propósitos de manutenção do sistema, tanto no governo Vargas como na ditadura civil-militar, intervindo, sobretudo, nas propostas educacionais. A escola, portanto, cumpre um papel importante, porque, em sua processualidade, há sujeitos que estão com essa memória organizada, e, quando esses períodos facultam que isso venha à tona, as pessoas e as instituições às quais estão vinculadas tornam-se propagandistas dos regimes autoritários.

Essa manifestação cívica e religiosa acompanha a trajetória da Escola, cujo nome atesta que, mesmo percorrendo regimes políticos liderados por outros estadistas, Getúlio Vargas continuou a receber as homenagens que lhes foram conferidas na inauguração da escola, e o nome da instituição deslocou-se pelos períodos seguintes e chegou aos dias atuais incólumes. Essa preservação patrimonial da instituição, cujo nome permanece inalterado, confere à escola a característica evidenciada como um importante quadro social de referência para a construção de uma memória baseada em preceitos cívicos, morais e religiosos que consubstanciaram a escola durante os trânsitos do Estado Novo aos dias atuais. Seria a memória e seus recursos que mantêm essa escola viva?

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.

HALBWACHS, M. **Los marcos sociales de la memoria**. Caracas: Anthropos, 2004.

Realização:



Apoio:

